

SIMPÓSIO AT045

Luiz Gama e Bernardo Honwana: Uma consciência étnica, política, social e a construção de uma identidade cultural em *Primeiras Trovas Burlescas e Nós Matamos o Cão Tinhoso*

Magnólia Ferreira Cruz da Paixão (PROGEL/UEFS)¹

magypaixao@hotmail.com

Adeítalo Manoel Pinho (PROGEL/UEFS)²

adeitalopinho@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa fazer um estudo sobre as obras *Primeiras Trovas burlescas* do escritor Luiz Gama e *Nós matamos o cão tihoso* de Bernardo Honwana. Nascidos em países diferentes, em épocas distintas, porém experimentaram e vivenciaram uma série de injustiças sociais. Ambos precisaram lutar contra a segregação racial e o preconceito, simplesmente por serem fruto da diáspora africana. No entanto, não se deixando ser inferiorizados ou diminuídos pela simples fato de serem negros, estes fizeram uso do texto literário para denunciar e conscientizar através das letras sobre os valores étnicos, políticos e social, assim como a construção de uma identidade cultural em meio a uma sociedade totalmente elitista e preconceituosa a qual estes se inserem.

Palavras-chave: Luiz Gama, Bernardo Honwana, Primeiras trovas burlescas de Getulino, Nós matamos o cão tihoso.

Introdução

¹ Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL/UEFS). E.mail: magypaixao@hotmail.com

² Dr. em Linguística, Letras e Artes. Professor do Curso de Letras e Coordenador do Programa de Pós-graduação da UEFS. E-mail: adeitalo@uol.com.br.

A literatura foi por muito tempo um espaço ocupados por escritores e intelectuais pertencentes às classes dominantes, rica e branca. Duarte (2013) afirma que, na história da literatura brasileira e nos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se sempre rarefeita e opaca, com pouca representatividade seja de personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional. Sendo assim, aqueles que pertenciam à classe abastarda, negra, as chamadas minorias sociais, estiveram quase sempre ausentes do meio literário nacional, por não se enquadrar no estilo da época.

Examinados os manuais – componente significativo dos mecanismos estabelecidos de canonização literária –, verifica-se a quase completa ausência de autores negros, fato que não apenas configura nossa literatura como *branca*, mas aponta igualmente para critérios críticos pautados por um formalismo de base eurocêntrica que deixa de fora experiências e vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem em determinados padrões de qualidade ou estilos de época (DUARTE, 2013, p.146).

No entanto, estes jamais deixam de lutar por um espaço dentro da literatura. Os escritores em estudo, Luiz Gama e Bernardo Honwana são exemplo de que a literatura não tem cor, raça ou classe social, pois as suas obras são consideradas por muitos críticos como sendo uma literatura que melhor representa a literatura negra. Afinal, esta não está preocupada em seguir o modelo imposto pela academia, mas mostrar os problemas sociais e as belezas do cotidiano, principalmente das classes negras como forma de valorização e inclusão dessa raça que por muito tempo fora esquecida e inferiorizada dentro das letras nacionais. Munanga (1988, p.9) diz que:

Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham a priori desprezo pelo mundo negro, apesar das riquezas que dele tiraram. A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais.

Por conta disso, nas últimas décadas do século XX, com o avanço das lutas contra o racismo promovida pelos negros, estes começaram a ocupar alguns espaços antes ocupados apenas por brancos dentro da literatura nacional. No entanto, como afirma Duarte (2013, p. 148) o ““rolar do tempo” não tem sido suficiente para a superação da desigualdade e dos antagonismos calcados em mais de trezentos anos de regime servil”. Mesmo assim, fazendo uso das letras como forma de resistência, diversos escritores e poetas negros criaram uma produção diferenciada, com nuances específicas, baseadas nos elementos culturais de origem

africana e no resgate da dignidade e da igualdade de direitos, alcançando assim o tão sonhado espaço no cânone literário. Não é por acaso que para Cuti,

A literatura é alimento para o nosso imaginário, que se move o tempo todo, recebendo, produzindo e reproduzindo ideias, palavras, frases, imagens sobre o que somos como pessoa e povo. Nossas relações inter-raciais também são mediadas pelo texto não referencial (CUTI, 2010, p. 107).

Sendo assim, o texto literária é muito mais do que uma forma de entretenimento, deleite, as palavras carregadas de emoção são capazes de nutrir a dimensão interna e externa do nosso ser. As obras literárias *Primeiras trovas burlescas* e *Nós matamos o cão tinhoso* cumpre de maneira dinâmica, o papel de estabelecer uma formação discursiva e desassociada do contexto hegemônico, fruto da ideologia racista que ainda perdura nos meios de comunicação de massa brasileiro e moçambicano.

Luiz Gama: biografia de novela

Filho de uma ex-escrava africana vindo da Costa da Mina, Luiza Mahin e de um fidalgo de origem portuguesa o qual nunca tivera seu nome revelado, Luiz Gama nasceu na cidade de Salvador, Bahia em 21 de julho de 1830. Sua mãe, uma quitandeira, mulher batalhadora, forte e idealista. Depois da maior rebelião de escravos da Bahia, a Revolta dos Malês, em 1835, e da Sabinada em 1837, Luiza Mahin teve que fugir pra a Rio de Janeiro, deixando o filho com o pai. Daí em diante Luiz Gama nunca mais veria sua mãe. Mesmo sendo bem tratado pelo pai, fora vendido por ele como escravo para pagar divindade jogo. Sendo assim, o menino livre, filho de uma negra livre e de um pai branco, tornou-se escravo aos 10 anos de idade. Depois de alguns dias fora levado para o Rio de Janeiro, onde foi comprado juntamente com um lote de escravos, porém, apesar de despertar o interesse de muitos fazendeiros, ninguém mais o comprara, pois por ser da Bahia, os compradores se recusavam a compra-lo por ter os escravos baianos fama de rebeldes.

O menino Luiz Gama despertou o interesse de vários fazendeiros, primeiro em Jundiaí e depois em Campinas. Mas logo que sabiam de sua origem – um baiano! – recusavam, se desinteressavam. O último recusante foi o que o menino achou “um simpático ancião”, Francisco Egídio de Souza Aranha, de Campinas. Afagando-o, o possível comprador disse: “Hás de

ser bom pajem para os meus meninos. Dize-me: onde nasceste?” ”Na Bahia”, respondeu Luiz Gama. A reação foi imediata: “Baiano?! Nem de graça o quero. Já não foi por bom que o venderam tão pequeno”(MOUZAR, 2011, P.16-17).

Morando na casa do seu senhor o alferes Antonio Pereira Cardoso, em São Paulo, Luiz Gama continuava sendo escravo aos 17 anos de idade. Mas nessa idade consegue ser alfabetizado e foge da casa do alferes, um ano depois, adquire provas de sua liberdade e novamente aos 18 anos de idade o jovem Luiz Gama torna-se novamente livre. Torna-se defensor das causas abolicionista, e durante toda a sua vida luta para libertar os escravos. Morre na miséria, porém deixa um legado muito grande para a causa negra no Brasil. Não é por acaso que este é mais reconhecido como abolicionista do que como escritor.

Luís Bernardo Honwana: breve biografia

Luís Bernardo Honwana nasceu em 1942, na cidade de Lourenço Marques (atual Maputo), e cresceu em Moamba, cidade do interior onde seu pai trabalhava como intérprete.

Em 1964, ano da primeira publicação de *Nós matamos o Cão Tinhoso!*, Honwana tornou-se militante da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). No mesmo ano, foi preso por suas atividades anticolonialismo de Portugal, e permaneceu encarcerado por três anos.

Na década de 1970, foi para Portugal estudar Direito na Universidade Clássica de Lisboa. Após a Independência de Moçambique, em 1975, foi nomeado Diretor de Gabinete do Presidente Samora Machel, e participou ativamente da vida política do país a partir disso: em 1982, tornou-se Secretário de Estado da Cultura de Moçambique e, em 1986, foi nomeado Ministro da Cultura.

No ano de 1987, foi eleito membro do Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Em 1991, fundou e foi o primeiro Presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa. Em 1994, foi convidado para entrar para o Secretariado da UNESCO e foi nomeado diretor do escritório regional da organização, com base na África do Sul.

Honwana é membro fundador da Organização Nacional dos Jornalistas de Moçambique, da Associação Moçambicana de Fotografia e da Associação dos Escritores de Moçambique. Atualmente, é o diretor executivo da Fundação para a Conservação da Biodiversidade (BIOFUND).

Primeiras Trovas Burlescas (Bodarrada)

Primeira trovas burlescas de Getulino foi a única obra publicada pelo poeta Luiz Gama, lançado em 1859, em São Paulo, pela Tipografia Dois de Dezembro de Antonio Louzada Antunes. Nessa edição o poeta usou o pseudônimo Getulino como forma de velar parte de sua identidade, pois dentro da obra ele oferece pistas do seu verdadeiro nome. Como nos poemas “No álbum do meu amigo J. A. da Silva Sobral” (“*Que estou dizer?!/ Bradar contra o vício!/ Cortar nos costumes!/ Luiz, outro ofício*”) e também “No álbum do sr. Capitão João Soares” (“*Não quero que o mundo diga -/ Que o Luiz é tagarela*”). O livro representou um importante momento na vida de Luiz Gama, marcando sua entrada no “mundo das letras” da elite e a primeira grande oportunidade para este ex-escravo expressar suas idéias (GRADEN, 1999, p. 365).

Nessa primeira edição o baiano apresentou 22 poemas, e não sendo “possível apurar o número de exemplares da primeira fornada para saber até onde tinha ido o favor do público, adquirindo o livrinho e determinando, em tão curto prazo, para a sociedade do tempo, a necessidade da segunda fatura” (MENNUCCI, 1938, p. 56). Na segunda edição, revisada e aumentada por ele mesmo, em 1861, constava 39 poemas, desta feita ele não só se desvelou em versos, como também relevou o autor, e foi publicada pela Tipografia de Pinheiro e Cia., no Rio de Janeiro.

Embora sua primeira publicação (1859) coincida com o aparecimento de *As Primaveras*, de Casimiro de Abreu, o poeta baiano demonstra completo desacordo com a escola literária então vigente (o Ultra-Romantismo plangente) e representa uma opção pelo tratamento da realidade brasileira. Embora usando alguns poucos lugares comuns do Romantismo, Luís Gama envereda pelo caminho menos trilhado: o da sátira social (MARTINS, 1996, p. 92).

O livro *Primeiras trovas burlescas* teve uma terceira edição publicada em 1904, organizada por João Rosa da Cruz e Antonio dos Santos Oliveira, esta terceira edição além de conter todos os poemas das duas primeiras edições também foi incluída todos os poemas publicados por Luiz Gama na imprensa paulista.

Com base na primeira edição de 1859 e 1861 a estudiosa Ligia Ferreira organizou e publicou uma reedição comentada de *Primeiras trovas burlescas e outros poemas*, nesta reedição estão incluídos todos os poemas da primeira e da segunda edição assim como os poemas que Gama publicou na imprensa paulistana. Esta reedição tem como finalidade preencher uma lacuna deixada por edições anteriores da referida obra e contribuir assim para que os leitores e admiradores de Luiz Gama possam ter acesso à leitura da produção poética de Luiz Gama de forma integral e completa.

Esse livro teve três reedições, demonstrando o interesse freqüente dos leitores por suas trovas. Mesmo assim, pouco depois de sua morte, a tradição tratou de soterrar a veia poética, satírica e crítica do autor de “Quem sou eu”, a famosa bodarrada, na qual tanto ele quanto os ditos brancos são nomeados de bodes (PINHO, 2009 p.5).

A obra quando lançada em 1859 foi recebida pelos primeiros críticos com simpatia e elogios, por outro lado, sofreu um rebaixamento literário por causa do seu aspecto satírico. A referida obra foi colocada por muito tempo à margem do Cânone da literatura brasileira, pois era considerada como uma literatura inferior em virtude de seu aspecto satírico.

Esses e outros fatores fizeram a obra pouco conhecida, sua importância minimizada, seu valor subtraído, sendo menosprezada por historiadores e críticos no decorrer da história, deixando-a fora da prestigiada literatura brasileira. O fato de *Primeiras trovas burlescas* ser escrita por um autor, que além de negro, era ex-escravo e também autodidata, resultou em um perfil que por vezes não agradava a muitos, impedindo que Luiz Gama fosse digno de ocupar um lugar ao lado de grandes representantes da literatura nacional.

No entanto, além da crítica irônica feita por Gama na poesia a toda a sociedade brasileira da sua época, este, dentre outras coisas, dá voz aos negros em suas poesias, sendo assim, o afro-brasileiro deixa de ser apenas objeto da enunciação e passa a ser sujeito com direito a vez e voz nas suas produções literárias, direito esse que até então era dado apenas aos brancos.

Segundo Pinho (2009), o rábula baiano realizou feito heróico ao publicar um livro ímpar: *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (2000), onde imprimiu versos críticos, como os seguintes, do poema “Quem sou eu”, a famosa Bodarrada:

[...] Se negro sou, ou sou bode
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muito vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, *bodes brancos*,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...
(GAMA, 2000, p. 113)

É fácil identificar no poema “Bodarrada” de Gama todo o seu tom satírico. A fim de mostrar sua criticidade em relação à sociedade de seu tempo, faz uso da palavra “bode”, como forma de retribuir de forma pejorativa o tratamento que era dado na época aos negros. Somando-se a isso, ele quer mostrar o quanto esses “bodes” se espalhavam em toda a sociedade, inclusive nos altos escalões da sociedade brasileira.

Nesse poema percebe-se ainda o quanto Gama tinha orgulho da sua cor e de suas origens africanas em meio a um país preconceituoso, nele, a sua imagem se cristaliza em meio a um mundo que pertencia e era dominado apenas pelos brancos. O eu poético mesmo vivendo em um tempo em que ser negro era sinônimo de ser escravo ou descendente de escravo, se via e se aceitava como negro.

Com isso, além de entreter o público com suas poesias de cunho satírico e irônico, Gama também tinha como objetivo criticar os políticos e a sociedade da época, assim como lutar pela valorização da voz do negro nas letras nacionais. Não deixou escapar em suas poesias nenhum deslize ou algo que viesse a fugir das normas e das leis ou valores que regem a sociedade, e independente de cor, raça, religião ou classe social todo e qualquer sujeito era criticado em suas obras. Luiz Gama, através da sátira, fez uso de todo um sistema de representação a fim de construir tanto um discurso que fosse contra as práticas sociais e políticas da época em que viveu, como para promover a criação de toda uma

linguagem brasileira que fosse capaz de destacar principalmente os africanismos apagados ou esquecidos pelos discursos tidos como construtores de uma identidade nacional.

Nós matamos o cão tnhoso (Mãos dos pretos)

O livro *Nós Matámos o Cão Tinhoso* é uma coletânea constituído de sete contos publicado em 1964 e considerado uma obra responsável por fundar a literatura moçambicana moderna. Os contos que constituem o livro são “Nós Matámos o Cão Tinhoso”, “Dina”, “Papa, Cobra, Eu”, “As Mãos dos Pretos”, “Inventário de Imóveis e Jacentes”, “A Velhota” e “Nhinguitimo”. Para além do português, a obra já foi publicada em inglês, francês e espanhol.

A referida obra foi escrita durante o tempo que Honwana passou na prisão, quando foi preso aos 22 anos pela polícia política portuguesa, com o objetivo de demonstrar o racismo e o preconceito contra a população negra do poder colonial português. A obra exerceu e exerce até a atualidade uma grande influência na geração pós-colonial de escritores moçambicanos, por ser uma obra que reflete as causas negra, seja ela referente a identidade, a cultura ou a etnia. O universo social e cultural moçambicano durante a época colonial é o centro da análise das narrativas de *Nós Matámos o Cão Tinhoso*, pois cada personagem citada nos contos representa uma diferente posição social da época.

A obra *Nós matamos o Cão-Tinhoso* de Luís Bernardo Honwana, por meio de suas personagens afásicas, insinua a condição do homem colonizado, que teve a sua fala, a sua palavra interdita pelo colonizador. Insinua também a existência de falas que buscam a libertação, querendo-se realizar como força de gênese e epifania, construindo e anunciando mundo próprio e melhor (...). A obra aparece em 1964, em plena ambiência da luta de libertação nacional, revelando a crueza, a violência do Estado colonial, que naquele momento sofria o enfrentamento instituído pelas forças revolucionárias (...) Valendo-se de um modo, de um estilo supra-real na composição de sua narrativa, o autor consegue exprimir, denunciar as relações absurdas que regem o mundo colonizado (EVARISTO, 2000, p. 227-239).

O tom de denúncia contra a repressão, a discriminação racial e a exploração do povo moçambicano colonizado fica evidente ao longo da leitura de cada conto do livro. Através da opressão e da humilhação sofrida pelos personagens, percebe-se uma forma de alienação

representada através do silêncio dos mesmos e imposto pela censura e pela aparente passividade dos personagens diante da crueldade e da injustiça que sofrem sem qualquer reação perante o opressor.

No decorrer das narrativas, Honwana vai traçando caminhos que leva a um futuro próximo a independência de Moçambique a qual se fará através da tomada de consciência do seu povo. Opondo-se sempre à problemática do silêncio imposto pela censura e à alienação, presente em todos os contos, está a figura das crianças, narradores privilegiados de Honwana. Pois, esses sujeitos rompem com o silêncio e, aos poucos, vão tomando consciência do contexto político em que se inserem, a fim de extinguir toda e qualquer forma de preconceito e discriminação contra os negros dando maior visibilidade e valorização da identidade e da cultura afro. Sobre a identidade Carmo diz que:

A identidade antes argumentada como elemento definitivo e de forte conotação global, se descredencia com a emergência das formas afetivas locais. As identidades formam um novo esboço de nação, embora ainda subjugadas à burocracia hegemônica do Estado (CARMO, 2011, p. 440).

Com isso, fica claro que toda a crítica na obra de Luiz Gama e Honwana possui um comprometimento político de denunciar a alienação do povo colonizado, de formar uma consciência política e de construir e valorizar uma identidade nacional, assim como a cultura de um povo. Dessa forma, ambos agem através das suas obras tentando mudar a realidade vivida, combater a ideologia da dominação e desconstruir os discursos preconceituosos e racistas, tidos como verdade única e sendo considerada como uma notoriedade científica. O que fica claro e evidente no conto “As mãos dos pretos”, onde que uma criança com toda sua ingenuidade pergunta aos adultos em sua volta porque as palmas das mãos dos negros são brancas?.

Neste conto, e a voz da mãe do menino que com toda sua sabedoria vai explicar e responder da forma mais humanística possível a pergunta feita pela criança sobre “a mão dos pretos”. Ela vai dizer que, as mãos dos pretos adquirem um valor de igualdade entre os homens. E explica que Deus fez as palmas das mãos dos negros tão brancas quanto às dos brancos “para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens” (Honwana, p.113). Portanto, a mãe, figura sábia, humana e inteligente constrói um discurso moderno de reconhecimento das diferenças

numa sociedade multirracial, desconstruindo a ideia de inferioridade dos negros que foi elaborada pelos colonizadores para justificar os seus atos durante muito tempo.

Diante do exposto, tanto em “As mãos dos pretos” de Honwana, quanto em “a bodarrada” de Luiz Gama, ambos estabelece uma dialética capaz de valorizar, humanizar e dá-lhe o lugar de centralidade a identidade cultural do negro, tratando o problema do afrodescendente como um problema da própria humanidade. Afinal, fica evidente que a condição negra não é uma existência racial objetiva, mas uma identidade socialmente construída de maneira negativa, inferiorizada e estereotipada, ao longo da história, pelo dominador, que desejava desenhar a figura do negro como uma figura estranha, exótica e inferior ao homem branco, a qual precisa ser desconstruída.

Considerações

Ao longo do estudo sobre as obras *Primeiras Trovas burlescas* do escritor Luiz Gama e *Nós matamos o cão tinhoso* de Bernardo Honwana, podemos perceber que ambos fizeram uso do texto literário de forma brilhante, com a finalidade de denunciar e conscientizar através das letras sobre os valores étnicos, políticos e social, assim como a construção de uma identidade cultural em meio a uma sociedade totalmente elitista e preconceituosa a qual estes se inserem. Através das suas obras literárias os escritores em estudo podem ser considerados como aquele ser humano que em uma ação objetiva permite construir a sua própria identidade e o seu mundo de forma livre e autônoma, nos âmbitos étnico, cultural, social e político mesmo estando estes em um lugar desfavorável, a margem da sociedade do seu tempo.

Portanto, é fácil perceber o verdadeiro papel da literatura na formação de uma consciência étnico, política e social na formação de uma identidade cultural. Pois como vimos, o fato da obra de Gama e Honwana serem escritores negros e muitas vezes considerados como poetas menores as suas obras estão ambas relacionadas à esse compromisso de denúncia ao preconceito, combate e de construção de uma identidade híbrida que não é mais obrigada à assimilar a cultura do colonizador, mas que dialoga com esta e com sua cultura africana

Por fim, a obra de Gama e de Honwana passa a construir uma memória coletiva que não esquece o seu passado de repressão e de discriminação social e racial, pois, “é na memória coletiva que vamos encontrar as formas esvaziadas do cotidiano. Elas se mascaram e, com efeito, se tornam propícias a um sem-número de interpretações e estratégias de poder (Carmo, p. 439)”. Contudo, ambos não se limitam apenas a denúncia, mas propõe através da memória social o respeito às diferenças numa sociedade multirracial construída pela miscigenação das raças, e que jamais deve classificar uma raça como sendo superior ou inferior a outra.

Referências

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. Companhia das letras: São Paulo, 2002

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5.ed São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CARMO, Cláudio do. **Aporias da memória: papéis sociais na narrativa de Luis Bernardo Honwana**. Litterata - Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, v. I, p. 437-444, 2011.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

EVARISTO, Conceição. “**Luís Bernardo Honwana: Da afasia ao discurso insano em Nós matamos o Cão-Tinhoso**”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África & Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000, p. 227-239.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Da Bahia a São Paulo – Luiz Gama, o nosso valoroso “Orfeu de carapinha”**. Revista USP, São Paulo, n.58, p. 148-153, junho/agosto 2003.

FERREIRA, Ligia Fonseca (Org). **Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida Maria Taddoni (Org). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2008.

GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas e Outros Poemas:** edição preparada por Ligia Fonseca Ferreira – São Paulo: Martins Fontes, (2000).

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matámos o cão tinhoso.** 4 ed. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

LIMA, Elizabeth Gonzaga de. **Literatura Afro-brasileira.** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2010.

MARTINS, Heitor. **Luiz Gama e a consciência negra na literatura.** Afro-Ásia. Salvador, 1996.

MENNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil:** Luís Gama. São Paulo: Campanha Editorial Nacional, 1938.

MOUZAR, Benedito. **Luiz Gama:** o libertador dos escravos e sua mãe libertaria, Luiza Mahin. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MUNANGA, Kabengele . **Negritude: Usos e Sentidos.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil:** Identidade nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Sílvio Roberto dos Santos. **Gamacopéia:** ficções sobre o poeta Luiz Gama. Campinas, SP, 2004.

SOUZA, Cruz e. Emparedado. In: MURICY, Andrade (Org.). **Panorama da poesia simbolista.** 2a. ed., Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1973.

SOUZA, Florentina. **Revertendo sentidos e lugares.** Afro-Ásia, núm. 24, p. 397-404, Universidade Federal da Bahia Brasil, 2000.

_____. **Literatura Afro-brasileira:** algumas reflexões. Revista Palmares Ano 1-Número 2. Brasília, dezembro/2005.

SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré, (Org.) **Literatura afro-brasileira.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

PINHO, A. M. **Entre ser negro e ser poeta:** questões da crítica atual para o cânone na poesia romântica.. Revista Língua & Literatura , v. 11, p. 81-93, 2009.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira.** Estudos Avançados 18 (50), 2004.



ISBN 978-85-7946-353-2

<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/93>. Acesso em 10/06/2017.

